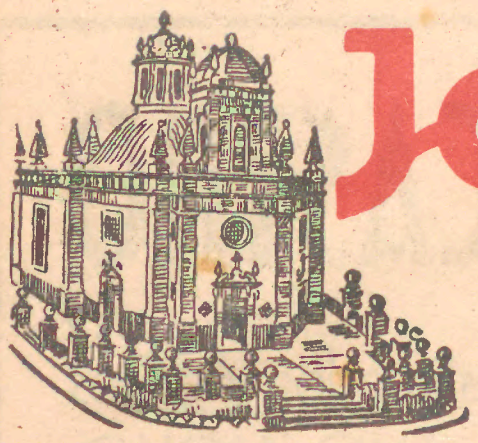
Ano XI — Quinta-feira, 29 de Dezembro de 1960 — AVENÇA — N.º 565



Jornal de Barcelos

Católico e Regionalista

Editor e Prop.: P.e ALFREDO MARTINS DA ROCHA
Administrador: ARTUR BASTO

Director
P.e ALBERTO DA ROCHA MARTINS
Telefone 82451

Redacção e Administração: TIPOGRAFIA «VITÓRIA»
Composição e Impressão: Tip. «Vitória» — BARCELOS

Oiça, Senhor «Deputado» (?)

Pelo DR. ABEL VARELA E SEIXAS

FOMOS recentemente surpreendidos com a aleivosia dum certo e determinado senhor que, no País onde a proferiu — merecedor de toda a nossa estima e respeito, firmados em longos anos de amizade — nem o representa, nem traduz o sentir ou pensar de massas ou grupos mais ou menos numerosos que pesem nas chamadas correntes de opinião pública. E porque assim é, sentimo-nos inteiramente à vontade para dizer ao atrevido e caluniador, duas verdades, amarrando-o ao pelourinho da nossa indignação e para que fique a saber, duma vez para sempre que, em Portugal quem diz o que quer, arrisca-se a ouvir aquilo que não quer. E que a lição lhe preste, como tantas que lhe têm sido dadas pelos nossos camaradas da imprensa, para só nestes se falar.

Saiba, senhor «plumer» e para já, que o Exército Português nunca foge, fugiu ou fugirá. Esta a primeira verdade que lhe poderíamos provar exuberantemente, mas apenas lhe citaremos um ou outro episódio, os suficientes para o esborracharem por completo.

Aí por mil oitocentos e tal, quando se cobiçavam as nossas terras do Ultramar — o mal já vem de longe! — houve em Lourenço Marques um jornal que, maldosamente, e como o senhor «deputado» (?) agora fez, se permitiu dirigir certas frases vexatórias da honra de Portugal, do seu brasão nobilíssimo das cinco chagas. Pois um Oficial Português, simples e jovem alferes ou tenente, leu o insulto, vestiu-se à paisana e dirigiu-se ao estabelecimento comercial onde faziam vida, na nossa terra, os insultadores de Portugal. Chegado lá, perguntou e procurou saber qual teria sido o autor que, uma vez identificado, pura e simplesmente lhe partiu a cara. Sabe quem era esse jovem Oficial Subalterno, que não sabia fugir? Chamava-se Henrique de Paiva Couceiro.

Mas isto é por assim dizer um caso isolado, podendo-lhe ainda lembrar que na chamada Batalha de La-Lys ou 9 de Abril, na guerra de 1914-1918, os portugueses, firmes, valentes, agarraram-se às suas posições, fizeram frente em mais que inferiores circunstâncias, ao exército alemão, morreram quase todos, escreveram uma das páginas mais brilhantes, entre tantas, da nossa Epopeia Militar, para permitir o recuo de outros, para melhores posições... à rectaguarda. Testemunha-o, entre tantos, esse bravo e bom Amigo que é o Tenente Coronel Moreira Lopes, que não fugindo, ficou ao lado dos seus soldados, ferido e transformado em prisioneiro. E quantos mais?...

Até na Guerra Civil de Espanha, um pequeno número de «Viriatos», na frente de Teruel, deu uma das mais belas lições de heroismo e valentia.

Saiba, senhor «deputado» (?) que fomos um modesto soldado português, e nunca, mas nunca, nas aulas, nas lições, nas exemplificações — nem sequer aí — ouvimos falar aos nossos oficiais instrutores, numa retirada, isto é, numa fuga. Porque o Exército Português, nem em teoria, a concebe. Percebeu, senhor «deputado» (?)

E isto, andando pelo contemporâneo, pois se formos à História — e o senhor fez-nos deitar abaixo a prateleira — não encontramos nenhuma coisa parecida. Andamos por todo o mundo, pelo Norte de África, fomos totalmente esmagados em Alcácer-Kibir, mas não recuamos, não fugimos, provando que até hoje, ninguém foi capaz de nos atirar ao Mar Mediterrâneo. Nunca fugimos, em Portugal, em qualquer parte da Terra, em Alcácer-Kibir, em Angola, em Moçambique, na Índia, no Macau, em Timor, em La Coture, no mar dos Açores com esse destemido Carvalho de Araújo, em Dunquerque, em toda a parte...

Mas o senhor, com a sua má criação, para quem nunca lhe fez mal, deve ser ou ignorante em coisas histó-

(Continua na página 3)

Mensagens do Natal

SUA Santidade o Papa João XXIII, na sua Mensagem de Natal, proferida aos microfones da Rádio Vaticano, na passada quinta-feira, dia 22, exortou os fiéis a combaterem a diabólica conspiração contra a verdade que se observa no mundo moderno.

Na sua Mensagem de Natal, quase toda dedicada ao tema da «divina verdade revelada» e da doutrina prègada pela Igreja, o Santo Padre, refere-se à corrente do pensamento moderno, contra a verdade cristã e que criou um «antidecálogo, encorajando o homem a matar, a cometer adultério, a roubar e a prestar falsos testemunhos».

O Sumo Pontífice, mostrou-se confiante na vitória final da verdade contra a falsidade. E referindo-se às horas difíceis que estamos a viver, entre outras afirmações, disse Sua Santidade:

«Apesar de tudo e de todos, Veritas Domini manet in aeternum, a Verdade do Senhor permanece eternamente (ps. 116,2) e quer resplandecer cada vez mais a todos os olhos e ser escutada por todos os corações.

«Tem-se difundido em muitos um pouco a sensação de que, uma vez mais, são tremendas as horas que o mundo atravessa.

«Mas a história do passado conheceu horas muito piores. E não obstante as vozes clamorosas ou astutas das mais violentas, estamos bem certos de que a vitória espiritual será de Jesus Cristo qui pendet a ligno».

O Senhor Cardeal Patriarca de Lisboa, D. Manuel Gonçalves Cerejeira, como é já de tradição, no dia 25 de Dezembro, às 20 horas, dirigiu, através dos

(Continua na página 3)

D. Francisco Maria da Silva

Esteve nesta cidade, na pretérita quinta feira, a fim de presidir à reunião mensal do Clero do Arciprestado o Ex.mo e Rev.mo Senhor Bispo Auxiliar.

Compreensão e estima

Por MARINO DE CARVALHO

DURANTE a última guerra morreram na Itália soldados brasileiros. E foram agora transportados para o Brasil, num regresso a que a morte não conseguiu tirar os sinais da mais respeitosa recordação, as urnas que lhes serviram de sepultura em país assim longínquo.

Ao passarem em Lisboa, as Forças Armadas Portuguesas prestaram homenagem a todos esses soldados combatentes, que honraram a Pátria que lhes foi berço e que é também segunda Pátria dos portugueses.

Nos Jerónimos, que tão dignamente simbolizam, em rendas de pedra lavrada, as belezas do sonho de epopeia que nos guiou pelos mares desconhecidos, prestou-se aos soldados brasileiros, mortos em combate, sentida homenagem espiritual.

No profundo recolhimento do templo majestoso todos os pensamentos subiram alto, recomendando a Deus as almas.

Nem podia ser outra a homenagem dos nossos soldados — é que pertencem a uma Nação onde o culto dos mortos só na presença de Deus tem significado e expressão.

*

As constantes manifestações de júbilo — e às vezes também de mágoa — que os acontecimentos da vida brasileira nos inspiram, têm a sua razão essencial e básica numa solidariedade de sentimentos que a uns e outros, brasileiros e portugueses, nos une em laços apertados de estima e fraternidade.

Tudo o que é motivo de felicidade para a nobre nação de além Atlântico contenta a alma dos portugueses, como se de coisas muito nossas se tratasse, como se coisas nossas afinal fossem.

Semelhantemente se orgulha das nossas horas boas o distante e tão amigo Brasil.

Não há facto português que lhe passe despercebido, que não encontre eco na alma colectiva da grande Nação que é o Brasil.

Compreendemo-nos, mesmo quando temos de nos separar sobre interesses que aliás individualizam o teor normal das soberanias em tudo o que traduz a configuração própria de uma economia, de uma organização política ou de um processo social.

E temos, em evidente reciprocidade, concretas provas de grande estima — e só aqui é que não consentimos, uns e outros, que o mais ligeiro desvio se note ou a mais leve hesitação se possa enxergar.

Destes sentimentos comuns, que o são tanto como muitos outros sobre os quais já nem importa falar — tão seguros se mostraram sempre, tão positivos se mostram agora — fazemos tranquilamente uma regra de conduta, assinalada constantemente por factos que

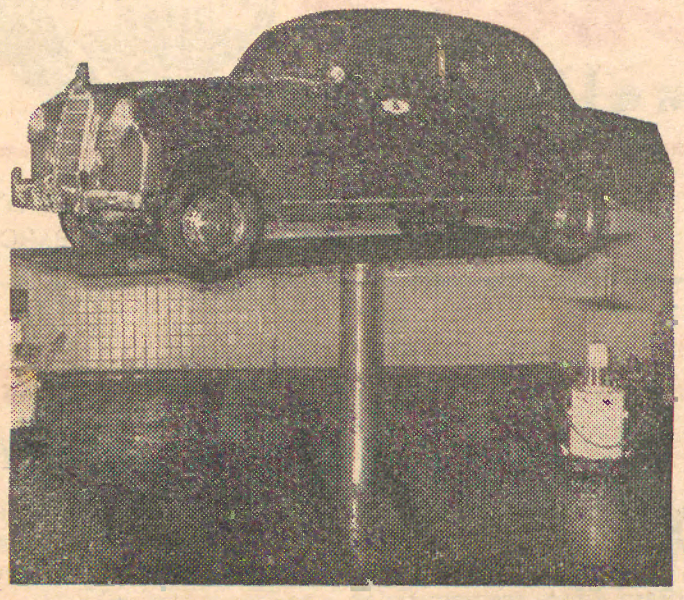
(Continua na página 3)

SAUDADE DE TI

Nas páginas da vida que folheio,
Nos dias tristes de saudade e anseio,
Nas horas doloridas d'amargor,
Nos minutos tão lentos de penar,
Nos breves de sorrir e de folgar,
Em todo o instante... quer d'esperança ou dor...
Vagueia em minha mente, uma imagem triste
D'alguém que já partiu, que não existe,
Que a morte, foice dura, então ceifou...
Mas crê, oh Pai, que mais o tempo andando,
Mais a saudade n'alma vai gravando
Teu nome, que o vil mundo já apagou...

Nair Maria

ESTAÇÃO DE SERVIÇO e GARAGEM CASTRO



Desejam aos seus estimados Amigos e Clientes um feliz ANO NOVO.

Antes de comprar um carro faça uma visita à Garagem Castro

Mercedes Benz — D. K. W.
Morris e secção de carros usados

Vida Desportiva

A última jornada da primeira volta

TERMINOU no penúltimo domingo, a primeira volta do campeonato nacional da II Divisão. Na jornada de domingo, o grupo local, ao conseguir um empate em Chaves, pela primeira vez no actual campeonato, conquistou um ponto fora de casa.

Mas, o Vianense, último da tabela da classificação, foi o herói da jornada, ao vencer, o primeiro classificado, a Oliveirense, no seu próprio campo, embora pelo resultado mínimo de 1-0. O Beira Mar também venceu em Coimbra o União daquela cidade por 1-0 e o Marinhense conseguiu empatar no Porto, com o Boavista, por 1-1. Nos outros jogos e nos seus campos, o Caldas venceu o Torreense por 3-1, o Castelo Branco a Sanjoanense por 6-2 e o Feirense o Peniche, por 4-0.

Ao fim da primeira volta, na Zona Norte, o Gil Vicente F. C. ocupa o ante-penúltimo lugar da tabela da classificação mas esta posição, não corresponde, de maneira nenhuma, às aspirações e sacrifícios dos desportistas locais!

Desportivo de Chaves, 2
Gil Vicente F. C, 2

No penúltimo domingo, o Gil Vicente deslocou-se a Chaves onde empatou com o grupo local por 2-2.

O primeiro tempo terminou favorável à equipa gilista por 1-0, golo marcado por Marques.

O grupo de Chaves só a meio do segundo tempo conseguiu impor-se, e com felicidade, passando de vencido a vencedor. Vieira, a um minuto do fim fixou o resultado do encontro.

Arbitrou o Snr. Domingos Mota, do Porto.

O Gil Vicente, alinhou:

Armando; Antunes, Sampedro e Faneco; Canário e Ferreira; Manuelzinho, José Carlos, Sílvio, Vieira e Marques.

O Gil Vicente venceu em Braga a taça «António Santos da Cunha»

No dia 8 de Dezembro, no Estádio 28 de Maio, em Braga, realizou-se a festa de homenagem e despedida a Carlos Faria, guarda-redes do Sporting C. de Braga.

Desportista íntegro e dedicado à sua equipa, vítima duma colisão com Jaburú no jogo Braga — Leixões, realizado na época passada, na plenitude das suas qualidades, é obrigado a abandonar, definitivamente, a prática do futebol.

A festa constou de dois jogos de futebol, de 40 minutos cada. O primeiro jogo entre o Gil Vicente e o Sporting C. de Braga, terminou por um empate de 0-0. Para apurar o vencedor foi necessário recorrer à eliminatória pelo melhor em três grandes penalidades. O grupo barcelense aproveitou dois dos castigos e o Sporting de Braga apenas um.

O Gil Vicente F. C. defrontou-se então com o S. C. Vianense, tendo vencido por 1-0, golo obtido por Sílvio aos 17 minutos.

No primeiro jogo a equipa barcelense alinhou: Armando; Antunes, Sampedro e Faneco; Canário e Ferreira; Manuelzinho, José Carlos, J. Mendonça, Vieira e Sílvio; no segundo, Pepe substituiu João Mendonça.

No final do jogo Gil Vicente — Vianense, o homenageado entregou ao Capitão do grupo barcelense a Taça que conquistou e ao S. C. Vianense uma miniatura da mesma taça.

Correio do Minho

Assumiram as funções de Director e Editor do nosso prezado colega «Correio do Minho», respectivamente, o Snr. Dr. Teófilo Esquível e Dr. António Pestana, dois nacionalistas de gema e incansáveis servidores da causa nacional. A atitude que acabam de tomar responsabilizando-se pelo Correio do Minho, que é órgão da União Nacional, é mais uma prova da sua generosidade e desejo de servir, aliás tantas vezes manifestados. Apresentamos-lhes os melhores cumprimentos e a nossa leal colaboração.

—)(—

Santa Filomena

Em agradecimento a Santa Filomena por uma grande graça obtida por sua intercessão, se faz publicar a presente notícia conforme promessa.

Uma devota do Porto.

Máquinas de costura em 2.ª mão

Vende, compra e troca:

Fernando Valério de Carvalho

Av. Combatentes G. Guerra, 158

Telefone 82583 — BARCELOS

Aniversários

FAZEM ANOS:

Hoje — As Snr.as D. Maria Emília Faria Torres Teixeira de Sousa, D. Maria Dinorah Gonçalves de Freitas Guimarães e D. Maria José Beleza Ferraz Azevedo, o Snr. António Ramos Fontaínhas e as meninas Maria Celeste Maia Matos de Almeida e Maria Filomena Oliveira da Quinta.

Amanhã — Os Snr. Brigadeiro Francisco Filipe dos Santos Caravana e Fernando António Azevedo Gonçalves Moreira.

Sábado — As Snr.as D. Maria Etelvina Viana de Queirós Brito e D. Maria do Carmo Matos Macedo Gayo e o Senhor Camilo Gonçalves Ramos.

Domingo — A Sr.ª D. Rosa da Silva Vinagre e os Senhores Dr. Domingos Soares de Magalhães e José Eduardo Nunes de Araújo.

Segunda — A Snr.ª D. Rosa Emília Barroso Coutinho e o Snr. Jorge Gonçalves de Freitas Guimarães.

Terça — A Snr.ª D. Elvira Barroso, os Snrs. João Baptista da Silva Corrêa, Francisco Lopes da Silva e José Teixeira de Castro e os meninos António Mário de Sousa e Silva, Manuel Maria Monteiro Dantas e José Manuel Bessa e Menezes Monteiro de Carvalho.

Quarta — A Snr.ª D. Maria Fernanda Fontaínhas Graça Faria V. Lopes e o Snr. Engenheiro Artur Gabriel Viana de Queirós.

Casamentos

Na Igreja Paroquial de S. João de Vila Boa no penúltimo domingo, a nossa conterrânea Sr.ª D. Maria Augusta Valério de Carvalho, simpática filha da Snr.ª D. Augusta Maria Soucasaux e do Snr. Fernando Valério de Carvalho, consorciou-se com o nosso prezado amigo e conterrâneo Sr. Luís Maria Fortuna Carvalho, empregado superior da Caixa Geral de Depósitos, filho da Sr.ª D. Maria da Graça Fortuna de Carvalho e do Sr. Luís Carvalho.

Presidiu à cerimónia do casamento o Rev. Prior de Barcelos, Padre Alfredo Martins da Rocha que, na altura própria, dirigiu aos noivos uma brilhante alocução.

Foram padrinhos da noiva seus pais e do noivo, seu pai e irmã Snr.ª D. Maria Luísa Fortuna Carvalho.

— No Santuário de Nossa Senhora da Franqueira, no dia da Imaculada Conceição, o Snr. Henrique Miranda de Figueiredo, filho do nosso amigo e assinante Senhor João Jardim de Figueiredo, e da Snr.ª D. Odete Miranda Figueiredo, realizou o seu casamento com a Snr.ª D. Margarida de Jesus Carvalho, prendada filha do nosso amigo e assinante Snr. Joaquim Mariz de Carvalho e da Senhora D. Virgínia Octávia de Jesus Carvalho.

Foi celebrante o primo da noiva Rev. António Carvalho Mariz e foram padrinhos da noiva a Senhora D. Maria José Carvalho Figueiredo e marido Snr. Augusto Faria Figueiredo e do noivo, a Senhora D. Beatriz Cardoso Campelo e marido, Snr. Joaquim M. Campelo.

Jornal de Barcelos, aos novos lares católicos, deseja as maiores felicidades.

Dr. Celestino Trindade Soares

ESPECIALISTA — DOENÇAS DOS OLHOS

Rua S. Marcos, 3.º-1.º

Telefone 23990 Braga

O BOLO REI

DA

Pastelaria Arantes

TEM SIDO TODOS OS ANOS CONSIDERADO O MELHOR

TELEFONE 82366

BANCO PINTO & SOTTO MAYOR
Sede — LISBOA
AGÊNCIA EM BARCELOS
Largo da Porta Nova, 41 — Telefone 82318
Descontos — Depósitos à Ordem e a Prazo — Transferências s/ o País e Estrangeiro
Moedas e Notas Estrangeiras

Oiça, Senhor «Deputado» (?)

(Continuação da página 1)

ricas, um maldoso ou um caluniador. O senhor teria pensado que insultava a honra, a dignidade, o valor, o prestígio do Soldado Português e do seu Exército? Mais: — a honra duma Nação, porque o nosso Exército é um dos nossos mais caros e dignos representantes, Nação honradíssima, escrava da sua palavra e que não deve nada a quem quer que seja? Que não admite tutelas, como a que lhe quiseram impor aquando do desejo de obtenção dum empréstimo, naquela estrambólica sociedade de nações que Deus haja, quando apareceu um Salazar, o maior estadista do mundo, na era actual.

Olhe, senhor «deputado» (?)! Somos duma pobre aldeia do Minho, pacífica, calma, quieta e romântica, nas faldas dum monte que o rio acarinha. Todos os anos, pela ordem natural das coisas, saem dessem recanto paradísiaco, cantando, rindo, folgando, ao som de harmónicas e violas, uns tantos moços de vinte anos, que vão cumprir, como nós fomos, longe ou perto, o sacratíssimo dever de, servindo as armas, servirem Portugal Eterno. São pacíficos, tementes a Deus, saudosistas como todos os lusitanos. Vá até lá num domingo em que um ou outro, de licença, tenha «vindo à terra», ver os «velhotes», a «Maria», até a junta de bois, seu ganha-pão, o «galhardo e o pisco» e diga-lhe que o Exército que ele está a servir, só serve para fugir! Diga-lhe, e volte depois para a sua terra e conte aos seus conterrâneos que sinceramente estimamos e admiramos, qual foi o desfecho...

Mensagens do Natal

(Continuação da página 1)

microfones da Emissora Nacional, aos portugueses, a sua Mensagem de Natal.

Sua Eminência, na sua Mensagem que intitulou «A Paz de Cristo», afirmou:

«A paz de Cristo não se confunde com aquilo que o Mundo chama Paz e não é paz verdadeira, porque não restaura a ordem divina, antes assenta sobre a injustiça, a violência, a servidão. O Senhor mesmo declarou: «dou-vos a minha paz, não vo-la dou como a dá o Mundo. A paz de Cristo exige um coração novo».

E terminou a sua alocução com estas palavras:

«Paz de Cristo é paz no amor, logo paz na liberdade. O Apóstolo S. Tiago chamou à Lei de Cristo «a lei perfeita da liberdade». No seu pleno sentido cristão, a palavra obedecer toma valor novo; segundo nota Tomás Merton, «a lei não é obedecer, mas viver», e, acrescento, viver livremente como filho de Deus, e não como servo; não disse S. Paulo que «a sua vida era Cristo»?, que «é a caridade de Cristo que nos conduz (e não rigorosamente o temor ou o prémio), e que «onde está o espírito do Senhor há liberdade»? Sim, onde estão a Verdade e o Amor, aí está a liberdade. Mas esta não se alcança senão no encontro com Cristo. É na descoberta e posse da Verdade e do Amor, que nos são dadas pelo seu Espírito, que a condição humana se liberta, resgata, exalta e consuma».

O MELHOR CAFÉ
É O DA
Cafezeira de Barcelos
A casa que dispõe do maior e mais completo sortido em artigos de
MERCEARIA FINA
Telefone 82410

Missa do 7.º dia

No templo do Senhor da Cruz, na manhã do passado dia 20 do corrente, celebrou-se, em sufrágio da alma do saudoso barcelense Sr. Dr. José da Graça Faria Júnior, missa do 7.º dia, mandada dizer pela família.

O templo encontrava-se completamente cheio.

Uma faísca caíu na Igreja de Airó

No passado dia 7 do corrente, pelas 9,10 horas quando, na igreja paroquial da freguesia de Airó, do nosso concelho, em cumprimento dos Estatutos da Confraria de Nossa Senhora do Rosário, se procedia às confissões, caíu uma faísca sobre a torre que causou o maior pânico não só entre as pessoas que se encontravam dentro do templo mas até nas que se encontravam fora e nas suas casas, em locais bastante retirados.

Na igreja encontravam-se mais de cem pessoas, o pároco, Rev. Manuel da Silva Lima e mais quatro sacerdotos a confessarem.

Os prejuízos materiais não foram grandes e, graças a Deus, não há a lamentar quaisquer ferimentos em nenhum dos fiéis que ali se encontravam.

Dentro da igreja, houve a deslocação da caixa das esmolas das almas que, com um pouco de pedra onde estava presa com chumbadoiros de ferro passou dum lado ao outro da parede, sem ninguém ver e sem ter ferido alguém.

Uma parte da torre desabou e ficou abalada a parte de cima das sineiras.

Milagre!, foi a única exclamação das numerosas pessoas que se encontravam dentro da igreja paroquial de Airó.

NOVA ALFAIATARIA
DE
MARIO VIEIRA
Ex-Empregado do Snr. Eduardo António
Av. Dr. Oliveira Salazar, 24 — 1.º
BARCELOS
(Junto à Casa Sialal)

Missas do Galo

À meia noite do passado dia 24, nas Igrejas Matriz, Santo António, Misericórdia e Recolhimento e na capela da Casa de Santa Maria, principiaram as tradicionais missas do Galo.

Na Igreja Matriz, o Reverendo Prior de Barcelos, Padre Alfredo Martins da Rocha, na homilia, referiu-se, com eloquência e brilhantismo ao Nascimento de Jesus e desejou aos seus paroquianos Festas Alegres e Felizes.

No final, em todas essas igrejas, aos fiéis, foi dado a beijar o Menino Jesus.

Compreensão e estima

(Continuação da página 1)

a todos nos honram e dignificam.

O Brasil persevera para connosco na vontade antiga de ser fiel às ancestrais influências da mãe lusitana, que lhe embalou o berço e lhe seguiu a adolescência e lhe acompanha o crescimento de vida em que tanto e tanto se agiganta.

Não repudia as lições em que lhe prodigalizamos sabedoria, arte de governo, estruturação de valores, arranjo de civilização.

Ao contrário — proclama, com reconhecimento muito gentil, que se deseja a nosso lado, hoje como ontem, meditando o Futuro.

Em toda a parte onde o nome de Portugal sofra qualquer ataque ou ofensa, aí está, irmão nosso, o Brasil amigo e profundamente solidário.

Recentes acontecimentos passados nos inúteis trabalhos de uma assembleia de Nações — onde aliás muitos se contam que verdadeiramente não podem usar, com legitimidade, esse apelido — vieram mais uma vez pôr à prova a capacidade do Brasil quanto à missão, que para si mesmo tomou, de enaltecer a justiça dos direitos sagrados de Portugal sobre um património tradicional que ignominiosamente se lhe pretende assaltar e destruir.

Isso comprovou também que o Brasil deseja afirmar altivamente, sem temor nem dúvida, que persiste nos propósitos de ocidentalismo que lhe vêm impostos pela Fé e pela Cultura dos seus maiores e que são agora a própria estrutura da sua tradição.

Estas afinidades morais, esta igualdade de sentimentos, não foram buscar à letra dos pactos de aliança a força em que se mostram e desenvolvem.

Essa força, que continuamente se renova em impetuosidades espirituais sobre que o mundo tem fatalmente de reparar, vem da intimidade de vidas paralelas a que o destino deu origem comum.

E é bom que se revigorem constantemente os traços da união em que andamos tão profundamente ligados. Esse é mesmo o voto das gerações presentes, em Portugal e no Brasil.

Nele se anuncia uma linha bem saliente de comunidade, que aproveita a portugueses e a brasileiros, que aproveita afinal à afirmação e à defesa dos valores perseguidos do Ocidente.

COLCHÕES MOLAFLEX
10 anos de garantia
provam a sua eficiência
MÓVEIS
TELES
BARCELOS

Visado pela Comissão de Censura

Concurso de Temas Sociais e Corporativos promovido pelo Grémio da Imprensa Regional

O Júri do concurso de temas sociais e corporativos, promovido pelo Grémio Nacional da Imprensa Regional em colaboração com a Junta da Acção Social do Ministério das Corporações e Previdência Social, composto pelos Srs. Drs. Afonso Botelho, em representação da Junta da Acção Social, Rafael Pinto Basto, jornalista da Imprensa Regional, Nuno Rossini Rosado, em representação do Grémio Nacional da Imprensa Regional, resolveu premiar os seguintes trabalhos:

1.º — « Corporação e Classe », J. A. da Silva Baptista, publicado na « Defesa de Espinho », em 13-11-60;

2.º — « O Estado perante a crise de habitação », G. da Fonseca, publicado em « O Setubalense », em 12-11-60;

3.º — « O problema dos acidentes de trabalho e das doenças profissionais em Portugal », eng. A. da Costa Pereira — « O Eco » (Pombal), em 13-10-60;

4.º — « Temas do passado e do presente », J. L. Baptista Duarte — « Ecos de Manteigas », em 13-11-60;

5.º — «O pé descalço — uma achega estatística» — Dr. David Teixeira Dias — « O Figueirense », em 12-11-60;

6.º a 10.º — « Dois espíritos diferentes », de Joaquim Duarte M. Canelas — « Voz Portalegrense », em 22-10-60;

« Justiça Social », de Rogério Reis — «Soberania do Povo» (Águeda), em 22-10-60;

« Acidentes de trabalho e doenças profissionais », de Cândido Medina — « Notícias de Pombal », em 13-11-60;

« Consciência e Acção Corporativa », de Domingos José Galante — « Comércio de Leixões », em 13-11-60;

« Salário e Mão-de-obra », de Rogério Reis — « Notícias de Mirandela », em 18-11-60; e

11.º a 15.º — « Estatuto do trabalhador », de Cândido Medina — « Notícias de Pombal », em 13-11-60;

« A família e os seus direitos », de G. da Fonseca — « O Distrito de Setúbal », em 11-11-60;

« Esta palavra corporativismo », do capitão José Brandão Pereira de Melo — « Jornal de Sintra », em 6-11-60;

« O Corporativismo e o Estado », de Morais de Ávila — « O Mensageiro » (Leiria), em 12-11-60;

« Plano de Formação Social e Corporativa », de Luís Sebastião Peres » — « Notícias da Covilhã », em 12-11-60.

O prémio para a melhor reportagem foi atribuído ao trabalho « O desastre deu-se... », publicado no « Jornal de Barcelos », em 10-11-60, da autoria de Fernando Soares.

Foram ainda atribuídos prémios especiais, de acordo com o Regulamento, aos jornais « Defesa de Espinho » e « Jornal de Barcelos », por terem publicado os trabalhos classificados em primeiro lugar.

Laboratório de Análises
Dr.ª María Fara Padin Brandão
Licenciada em Farmácia
Largo José Novais, 25-2.º — BARCELOS — Telef. 82614

Desastres

Quase todos os dias, através da grande imprensa, tomamos conhecimento de desastres com viaturas automóveis e quase sempre com mortes e feridos de gravidade.

As causas de tão lamentáveis tragédias são sempre as mesmas, excessos de velocidade ou imprudentes e proibidas ultrapassagens.

As camionetes de carga têm bem assinalada, as velocidades máximas com que podem andar, nas estradas e povoações e no entanto, quem anda nas estradas, verifica bem as suas velocidades...

Quando é que esses veículos, atravessarão as estradas e povoações ùnicamente nas velocidades autorizadas?

António Torres

Esteve na nossa redacção a apresentar cumprimentos e a pagar a sua assinatura com 50$00, o nosso prezado amigo e assinante Snr. António Torres, conceituado industrial na cidade do Porto.

Jornal de Barcelos agradece e retribui os cumprimentos.

— Também o nosso amigo Snr. Dr. Albino Borges de Pinho, de Lisboa, mandou pagar a sua assinatura referente a 1961, com 50$00.

Agradecemos.

Maria Angelina Corrêa
MÉDICA ESPECIALISTA DE CRIANÇAS
Clínica Geral de Senhoras
Consultas das 10 às 12
Campo 5 de Outubro Telefone 82598

CINEMA

Hoje às 21,30 horas, no Cine-Teatro Gil Vicente será apresentado o filme dramático:

O GRITO

O grito desesperado de uma mulher que vê na perda do homem amado o fim irremediável de um sentimento que parecia indestrutível.

Produção italiana, para adultos, com Alida Valli, Ateve Cochran, Dorian Gray, etc.

No próximo domingo, 1.º de Janeiro, às 15,30 e às 21,30 horas, o último filme de Cecil B. DeMille, soberbamente interpretado e esplendorosamente realizado:

O CORSÁRIO LAFITTE

A heróica e generosa aventura de Jean Lafitte o último dos corsários.

Com o elenco grandioso: Yul Brynner, Claire Bloom, Charles Boyer, Charlton Heston, etc.

Em VistaVision e Technicolor.

Para maiores de 12 anos.

Na 2.ª feira, 2, às 21,30 horas, repete-se a exibição deste filme.

Vinhos finos. Espumantes naturais das mais acreditadas marcas. Frutas secas — Doces e Cristalizadas.

Grande sortido e vende nas melhores condições:

Cafezeira de Barcelos
Telefone 82410

IMPRENSA

Aurora do Lima

Completou 105 anos de vida jornalística o nosso prezado colega « Aurora do Lima ». Os nossos parabéns.

D. Calino

Celebrou mais um aniversário o nosso querido confrade « D. Calino » que se publica na linda Póvoa de Varzim e que tem sido acérrimo defensor dos interesses da Terra. Muitos parabéns.

Notícias de Viana do Castelo

Publicou um número especial a cores, por ocasião do Natal, o nosso prezado colega « Notícias de Viana do Castelo » que é dirigido pelo distinto jornalista Sérgio Augusto. Parabéns.

Voz da Zambézia

Continuamos a receber a visita habitual do nosso prezado confrade « Voz da Zambézia », por amável deferência do Senhor Bispo de Quelimane, Snr. D. Francisco Nunes Teixeira, a quem, por este meio saudamos e desejamos um Ano Novo muito feliz.

VILAR DE FRADES E O SEU PASSADO

Por ARLINDO TORRES

(Continuação do n.º 560 de 24/11/1960)

A Congregação de Vilar recebera do Arcebispo D. Fernando da Guerra todos estes benefícios com o juramento de sempre lhe reconhecer a sua jurisdição e padroado. Mestre João Vicente, porém, tendo ido a Roma, alcançou, com a aprovação da nova ordem, um breve de Eugénio IV que a isentava da jurisdição do Arcebispo. Isto teve os efeitos de uma bomba de dinamite no temperamento impetuoso, verdadeiramente de um neto de D. Pedro I — O Justiceiro, qual era D. Fernando. No auge da indignação contra a usurpação das cláusulas anteriormente aprovadas e juradas, chega mesmo a ameaçar os ditos cónegos com a forca. Mas em vão...

A pertinácia dos monges, porém, levou-o a declarar-lhes guerra aberta. E era de ver o nosso Arcebispo à frente dos seus esbirros ou beleguins, archeiros e homens de armas, caminho de Vilar de Frades...

Ainda desta vez os seus intentos se frustaram. Os bons homens tinha na pessoa de D. Afonso, duque de Bragança e conde de Barcelos o seu 1.º e mais leal amigo porque desinteressado. Chegara-lhes mesmo, tempos antes, a oferecer a sua fortuna e o seu poder na luta contra o Arcebispo. Era, pois chegada a hora de aproveitar tão grande protecção, e os bons homens assim o fizeram. Quando D. Fernando vinha já a caminho de Vilar, sai-lhe, assim, ao encontro o exército de D. Afonso com o seguinte ultimatum da parte de seu Senhor: « Que se logo não voltava para Braga, lhe empenhavam sua palavra, que lhe havia de pôr na cabeça, em lugar da mitra, um capacete de ferro, ardendo em fogo, visto elle se fazer soldado, sendo Arcebispo. » Como não podia deixar de ser, a tempestade amainou. O Arcebispo voltou para Braga, as tropas de D. Afonso também se retiraram, e logo se consertou a paz.

Novas tentativas de revolta surgiram no governo de D. Luís Pires, sucessor de D. Fernando; mas tudo passou... Quanto não valem as influências!?...

Os prelados bracarenses, enfim, convenceram-se da inutilidade dos seus esforços em solucionar favoràvelmente o problema, e foram aprovando, ainda que implìcitamente, os factos consumados.

Até que chegamos ao tempo do grande D. Diogo de Sousa que se tornou, definitivamente, um novo benfeitor da ordem. Conta-se, e é certo, que quase todos os sábados ia visitar o convento, não se esquecendo nunca de levar também o dinheiro suficiente para a féria dos operários, que, então, trabalhavam na capela mor.

Assim se levantou o formoso templo, que ainda hoje é dos mais apreciados monumentos da arte de quinhentos. De salientar, são o tecto, todo em pedra, e o pórtico e a rosácea, que deixam extasiados os entendidos. Tinha também um relógio com respectivo carrilhão, aliás desviado, pelo que se diz, para a Câmara de Barcelos. Quanto ao órgão que existia, basta citar o que o cronista dos Lóios: « he o orgão melhor da Hespanha e contam os nossos velhos, que da egreja de Santiago da Galiza se mandou offerecer por elle quanto os padres o pedissem. Foi obrado por certo homem insigne n'aquella arte, chamado Mestre Lobo. »

Mas sobre este ponto, queria demorar-me um pouco. É uma pena que a incúria dos homens, junta com a ganância do lucro tenham despedaçado esta verdadeira jóia de arte! Há tempos, quando ainda era possível o seu restauro como não houvesse dinheiro para tanto, nada se fez, ou antes, fez-se, mas foi muito mal: — deixaram-se ao abandono, em qualquer canto, todas aquelas cornetas, para tentação de quem as via e sabia que eram de bom estanho. As consequências estão à vista: — Primeiro, às prestações, depois, até por junto, tudo foi reduzido a chapa batida nas casas dos funileiros... estranhos, pois os da terra a tanto se não atreveram.

Barbaridades que se cometem com o máximo àvontade! E já que entrei neste assunto (posso falar sem receio pois todos os protagonistas já morreram ou tudo já terminou) não queria deixar passar a história verdadeira da « Tia Teresa Calças », a sacristã do tempo (e ainda não vai há muito) que andava de noite, candeia na mão, a alumiar os « benfeitores » na rapina das caretas que estavam na parte inferior dos cadeirais do coro. Felizmente que não foram todas, para melhor avaliarmos as atrocidades cometidas. Fazia-o, talvez — quem sabe? — de boa fé, a pobrezinha!

Nem tudo, porém, são nódoas; temos, sim, actos de verdadeiro heroísmo, neste particular. Basta para isso citar o exemplo do Sr. Joaquim Ferreira, sacristão há pouco falecido que rejeitou uma boa quantia para não deixar « desviar » certas preciosidades que andavam para lá como calhavam. Os bandidos (que o eram verdadeiramente), confundidos com tanta rectidão a que certamente não estavam habituados, lá se foram, antes que houvessem denúncias...

Mas voltemos ao assunto.

Além de tudo isto, tem Vilar de Frades sobejos motivos de se orgulhar. Com efeito, muitas são as relíquias insignes que os cronistas referem existir na sua Igreja: o cálice e a patena com que S. Geraldo celebrava a Santa Missa; um reta-

Associação de Socorros Mútuos Barcelinense

Em Assembleia Geral Ordinária, realizada no passado dia 17 do corrente mês, realizou-se a eleição dos Corpos Gerentes da Associação de Socorros Mútuos Barcelinense, para a Gerência de 1961, sendo eleitos:

EFECTIVOS

Assembleia Geral:

Presidente, António Afonso do Rego; Secretários, Eduardo Figueiredo Ramos e Maria Isolete Lopes da Fonseca.

Conselho Fiscal:

Presidente, Rogério Calás de Carvalho; Secretário, Gil Meira de Carvalho; Relator, António Pereira da Cruz.

Direcção:

Presidente, Manuel da Graça Pereira; Secretário, João Araújo Novo; Tesoureiro, Belarmino Coutinho Rodrigues; Vogais, Adolfina Guimarães Cibrão e Agostinho Pereira da Fonseca Magalhães.

SUPLENTES

Assembleia Geral:

Presidente, Luís Vieira.
Secretários, José Otoni Torres Martins e Manuel da Costa Portela.

Conselho Fiscal:

Presidente, Rogério Pereira Esteves; Secretário, António Augusto dos Santos; Relator, António Dias do Amaral.

Direcção:

Presidente, Manuel de Sousa Carvalho; Secretário, Rosa do Carmo Costa; Tesoureiro, Margarida Faria da Costa; Vogais, Artur Montetro e Rosa de Jesus Domingues.

Leia JORNAL DE BARCELOS

Vida Legionária

Bôdo de Natal

No passado domingo, Dia de Natal, de tarde, no quartel do Terço Independente 67, foi distribuído aos legionários o bôdo de Natal.

Presidiu à distribuição o comandante da unidade legionária o nosso estimado amigo Snr. Comandante do Terço Dr. Ilídio Joaquim Nunes de Oliveira que se encontrava acompanhado pelos oficiais e graduados do Terço.

Foram contemplados 120 legionários e o bôdo distribuído a cada um deles, constou de: 3 Kgs. de batata; 1 bacalhau; 1 Kg. de massa; 1 Kg. de arroz; ½ Kg. de açúcar e 3 latas de sardinha.

Os filhos dos legionários receberam brinquedos e uma lembrança.

Esta simpática e significativa cerimónia, decorreu num ambiente estrictamente legionário, não havendo quaisquer convites.

No final, os legionários, para patentear ao seu Comandante quanto o admiram e o estimam, descerraram no gabinete do Comando, o seu retrato.

A esta homenagem ao Comandante do Terço Independente 67 da L. P. faremos depois a devida referência.

—o—

Festas do Natal

A passar as festas do Natal, com seus sogros, esteve em Castanheira da Pera, o nosso amigo e assinante Snr. José Manuel Lopes da Silva, proprietário do Salão Azul, na companhia de sua mulher Senhora D. Maria Ofélia Rodrigues Dias e Silva e simpática filhinha.

RELOJOARIA CARVALHO
O Relojoeiro de confiança em Barcelos.
Avenida Dr. Oliveira Salazar, 40

lho do manto de Nossa Senhora, de pano azul; outra do Santo Lenho; muitas de vários Santos; etc.. Não é de esquecer, também, a sepultura de D. Francisco de Santa Maria, bispo de Fez que fora coadjutor do Arcebispado no tempo de D. Frei Agostinho de Jesus de quem havia sido já procurador no governo da Arquidiocese e a quem impusera o pálio arcebispal. Esta sepultura encerra para mim um enigma que não consigo decifrar. Diz assim a lápide:

A Qui jas Ho corpo DOBISPO.....
.....FALECEO EM BRAGA Aos 6 de
7bro de 1596.

Por que razão é que safaram o nome do bispo, quando tudo o resto é mais que legível? Deixo-o à consideração dos eruditos.

Mas há mais factos assinalados pelos cronistas. «Debaixo da Torre Velha, fizeram os Senhores de Farelães (descendentes do novo Josué da lei da Graça, o insigne D. Paio Peres Correia) uma capela com porta para o claustro».— Assim rezam as crónicas, mas actualmente pouco existe dessa capela, se é que o que existe possa considerar-se desse tempo.

A respeito do monge e do passarinho a que, embora de relance, me referi, é agora a ocasião de dizer que os novos frades lhe erigiram uma capelinha, perto da actual casa do Sr. Manuel «da Devesa». Infelizmente, muito depois da extinção das ordens religiosas por Joaquim António de Aguiar — o mata frades — quando a quinta foi vendida a particulares, o seu primeiro proprietário, o Sr. Baltazar José Martins, achou por bem (ia a dizer por mal) desmoroná-la.

(*Continua*)

FALECIMENTOS

Dr. José da Graça Faria Júnior

Em Barcelinhos, na sua residência, sita à Rua Miguel Ângelo, na noite de 14 para 15 do corrente, pouco depois da meia noite, faleceu, inesperadamente, o nosso estimado amigo e conterrâneo Senhor Dr. José da Graça Faria Júnior, Chefe da Secretaria Notarial de Barcelos.

A sua morte, como já noticiámos, causou a maior consternação, tanto nesta cidade como em todo o nosso vasto concelho onde era muito conhecido e estimado. E logo que foi conhecida tão infausta notícia começaram a dirigir-se à sua residência as pessoas de maior destaque da nossa terra para apresentar as suas condolências à família enlutada e muita gente humilde para, numa última homenagem, agradece-lhe muitos benesses ou favores recebidos.

As pessoas de Barcelos e de Barcelinhos, especialmente de todas as categorias sociais, não deixaram de passar pela sua residência, numa derradeira homenagem a tão ilustre conterrâneo.

Na manhã do dia 16 do corrente o seu cadáver foi trasladado para o Templo do Senhor da Cruz onde, às 9 horas, foi celebrado um terno de missas.

À tarde, após os ofícios, a que presidiu o Rev. Prior e em que tomaram parte 10 sacerdotes realizou-se o funeral para o cemitério municipal que constituíu uma grandiosa manifestação de homenagem e saudade.

Incorporaram-se diversas Confrarias de Barcelos, Barcelinhos e Rio Covo-St.ª Eugénia, tendo a Irmandade do Senhor da Cruz comparecido com o seu Provedor, Mesários e muitos Irmãos; educandas da Casa do Menino Deus, Casa dos Rapazes, as pessoas de maior destaque e representação da vida barcelense, advogados, médicos, industriais, comerciantes, funcionalismo público, camarário e corporativo, pessoas das diversas categorias sociais e muitas pessoas de Braga, Porto, Póvoa de Varzim, Monção e outras terras vizinhas.

Entre outras pessoas de representação, tomaram parte no funeral os Snrs.: Dr. Luís Fernandes de Figueiredo, Presidente da Câmara Municipal; Prof. Doutor Nunes de Oliveira, Presidente da Comissão Concelhia da U. N.; Dr. Joaquim Gonçalves Paes de Vilas Boas, Presidente da Direcção do Grémio da Lavoura; Dr. Joaquim Furtado Martins, Ministro da Venerável Ordem Terceira de S. Francisco; Artur Vieira de Sousa Basto, Presidente do Grémio do Comércio e Dr. José António Pereira Machado, Presidente da Direcção dos Bombeiros de Barcelinnos.

A urna, coberta com a bandeira do Corpo Voluntário de Salvação Pública Barcelinense de que o extinto era Presidente da Mesa da Assembleia Geral, foi transportada num pronto-socorro da mesma Corporação.

Levou a chave o Provedor da Santa Casa da Misericórdia Snr. Dr. Vale Miranda e constituiu-se um único turno com os Irmãos da mesma Irmandade Snrs.: Francisco Aguiar, Rafael Meira Fontaínhas, António Meira Fontaínhas, Manuel Virgínio de Carvalho, Virgílio Bordalo Soares e João de Deus Soares.

No funeral, incorporaram-se também os Bombeiros de Barcelos e os clubes desportivos — Gil Vicente F. C. e C. D. de Barcelinhos, com os seus estandartes.

Francisco Queirós dos Santos

Na sua residência, após prolongada doença, faleceu, no passado dia 14 do corrente, o nosso amigo e assinante Snr. Francisco Queirós dos Santos, viúvo, de 60 anos de idade.

Era pai dos nossos amigos Snrs. José Fernandes Queirós dos Santos e António Queirós dos Santos e das Sr.as D. Maria Emília, D. Maria Alice, D. Francelina e D. Rosa Maria Queirós dos Santos; sogro das Snr.as D. Alda Carvalho da Silva e D. Margarida dos Santos Ferreira e dos Snrs. Tomás Marques Pereira, José Gomes da Silva e João Dias da Silva Pimenta.

O seu funeral realizou-se na tarde de quinta feira, dia 15, da sua residência para o cemitério Municipal, tomando parte grande número de pessoas.

José de Sá Gonçalves

Após doloroso e prolongado sofrimento, no passado dia 12, em Barcelinhos, faleceu o nosso amigo e assinante Snr. José de Sa Gonçalves, de 43 anos de idade.

Era empregado da Viação Linhares, casado com a Senhora D. Maria Elexinda Marinho e deixa cinco filhos menores.

No seu funeral realizado na tarde do dia 13, da sua residência para o cemitério paroquial de Barcelinhos, incorporaram-se muitas pessoas.

O caixão foi transportado num pronto-socorro dos Bombeiros de Barcelos e no funeral incorporou-se o Corpo Activo da mesma Associação de que o extinto fazia parte.

Jornal de Barcelos a todas as famílias enlutadas, apresenta as suas condolências mais sentidas.

Calcetamentos

Os calcetamentos das ruas da nossa cidade, devido às obras dos telefones, continuam a oferecer um mau aspecto.

Os paralelipípedos foram juntos mas o arranjo está por concluir.

É deplorável o aspecto do calcetamento, pela irregularidade do piso, junto à Casa Rajá e à Leitaria 1.º de Maio.

César Ferreira Cardoso
ADVOGADO
Largo D. António Barroso, 9
Telefone 82447 — BARCELOS

Espelho parabólico

A Câmara Municipal mandou colocar um espelho parabólico, para sinalização, junto da porta do estabelecimento comercial do Sr. José Moreira da Costa.

Achamos a iniciativa muito louvável e de grande utilidade para uma melhor sinalização não só nesse local como noutros cruzamentos da cidade que a Câmara pensa em beneficiar com idêntico melhoramento.

Todavia, não damos os parabéns a quem colocou o suporte desse espelho no meio do passeio.

Na hipótese de não ser possível a colocação dum braço na parede do prédio porque não se coloca o suporte, no passeio, mas mais perto da calceta ou então, junto ao prédio?

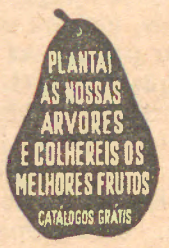
—)(—

Para os nossos pobres

Do ilustre director do Centro de Enfermagem da Zona Norte recebemos a quantia de 50$00 para os nossos pobres.

Bem haja!

AS MAIS SELECCIONADAS ÁRVORES DE FRUTO



As melhores sementes de flores e de horta.
As mais lindas ROSAS premiadas em concursos internacionais, Camélias, arbustos, arvoredos, bolbos, insecticidas, fungicidas. Construção de jardins, parques e pomares.
ALFREDO MOREIRA DA SILVA & F.os L.da
Telefone 21957
Rua D. Manuel II, N.º 55
PORTO
Teleg. Roselandia — Porto
CATÁLOGOS GRÁTIS

ALTO-FALANTES
Prefiram sempre a
CASA SOUCASAUX
TELEFONE 82345
Fotografias — Rádios — Oculos
Artigos fotográficos, etc.
BARCELOS

PARA PRESENTES...
fixe sòmente esta Casa:
Ourivesaria Milhazes
Filial: Rua D. António Barroso
BARCELOS
Sede: Rua 5 de Outubro, 35
PÓVOA DE VARZIM

Alto-falantes
Para abrilhantar as vossas Festas prefiram sempre a Casa
José Fernandes
R. Miguel Miranda, 40 — BARCELINHOS
Telefone 82245
BARCELOS
Fotografia em todos os géneros

Correio das Aldeias

Silveiros, 11

Os que podem aos que precisam

EIS o lema de tantas campanhas em boa hora levadas a efeito pelo «Fundo de Socorro Social», benéfica organização instituída pelo Governo da Nação e que tantos benefícios tem proporcionado a muitos desprotegidos da sorte que vivem, sabe Deus como, por esse País fora.

A poutrina que inspirou a criação daquele departamento oficial, contudo, só é lembrada e posta em prática quando as instâncias superiores fomentam a sua execução e, fora disso, todos parecem esquecerem-se ou, criminosamente, alhearem-se desse dever sagrado que consiste em, aqueles que podem, prestar auxílio aos que dele necessitam, pelo menos nas horas amargas de que esses infelizes são vítimas.

Vêm estas considerações a propósito de alguns casos de extrema necessidade que se vivem nesta freguesia, rica, de Silveiros, sem que tanta gente abastada, por dever ou por caridade, tenha dado um passo para, pelo menos, atenuar gravíssimas dificuldades morais e materiais com que se debatem aflitivamente alguns dos nossos pobres, cuja situação mais se tem agravado, talvez, em virtude das más condições atmosféricas há meses verificadas.

Ainda não vai longe a data em que aqui faleceu uma pobre vèlhinha que, vivendo apenas na companhia duma sua filha, esta também quase contìnuamente doente e, portanto, impossibilitada de prover à sustentação daquela, em cuja casa, demasiado modesta, fazia tremer as pessoas menos sensíveis, que porventura ali entrassem.

Pois apesar de tão miserável situação, que se manteve por período bastante longo, não nos repugna afirmar que poucas foram as pessoas que, por iniciativa própria, socorreram essas infelizes mulheres de quem a sorte foi madrasta e que, apesar de tudo, aqui nasceram, trabalharam e viveram honestamente toda a sua vida que, para a primeira, acabou em verdadeiro martírio. Que ao menos, Deus tenha compaixão da sua alma!

Pois, agora, já ninguém ignora que casos semelhantes existem entre nós, embora não de tanta gravidade mas, mesmo assim, a chamar pela nossa caridade, especialmente pela caridade daqueles que algo podem e têm obrigação moral de fazer por esses infelizes, que se vem atormentados com graves doenças que a ciência desde há muito parece impotente para debelar! Estão nestas precárias circunstâncias, além de outros, o Snr. Manuel Bento Pereira e a Snr.ª Teresa da Costa e Silva.

O primeiro, tem apenas uma modesta casinha para se abrigar e, anexo, um pequeno terreno para horta. Vive com sua esposa e sogra, esta entrevada, há mais de 4 anos consecutivos. A segunda é solteira e sem filhos sofrendo, também, de doença que a medicina, apesar de todos os esforços, não consegue extinguir. Possui, como o primeiro, uma modesta casinha, pesando sobre esta apreciável dívida.

Dados estes apontamentos, façamos à nossa consciência de cristãos e católicos as seguintes interrogações:

— Será justo ou humano abandonar tão cruelmente esses nossos irmãos em Cristo?

— Haverá pessoa dotada de tão baixo nível moral para afirmar que um e outro possuem uma casinha e, por isso, que a vendam?

— Será a «Casa do Povo» que, só por si, poderá sustentar esses seus associados?

Oxalá cada um de nós medite um pouco nas respostas àquelas interrogações, embora tenhamos que concordar que, a nosso lado, há sempre um ou outro indivíduo capaz de dizer tudo e... mais alguma coisa! Postos estes comentários à consideração da sempre generosa população silveirense, lembramos a todos que qualquer um de nós pode, um dia, ser vítima da desgraça, embora isso a alguns lhes pareça impossível, dada a sua opulência financeira. Por isso, aconselhamos, até, os autores de certas *babuseiras* por aí lançadas aos quatro ventos a meditarem um pouco nas afirmações produzidas, pois conhecemos pessoas que outrora foram muito abastadas e hoje vemo-las por aí a trabalhar, vivendo apenas do salário correspondente à profissão exercida!...

OS NOSSOS CAMINHOS PÚBLICOS — Mau grado os apelos que todos os anos vimos dirigindo às entidades competentes, continua a agravar-se o já ruinoso estado de alguns caminhos públicos desta freguesia, sem que nesse sentido se tenham tomado as devidas e urgentes providências.

Se por um lado temos de concordar que em Silveiros existem caminhos públicos em bom estado, tanto no piso como em largura, por outro lado somos obrigados a reconhecer que, entre aqueles, outros existem quase totalmente abandonados a ponto de se tornarem intransitáveis, tal é o lamaçal em que se transformaram já neste rigoroso inverno.

Sendo assim, encontram-se no mais deplorável estado de conservação, o caminho que, de Caibra conduz a Mouréns; o caminho desde a estrada nacional n.º 306/1 ao lugar da Coutada e os caminhos *de baixo* e *de cima* (são assim designados) que do coração do lugar da Boucinha conduzem à estrada nacional n.º 204. Embora mais o *de baixo*, também o segundo constitui um martírio para as pessoas que por ele sejam obrigadas a transitar, devendo salientar-se que um e outro servem o principal centro industrial desta localidade e, como tal, são a vergonha da mesma.

DOENTES — Têm passado muito mal de saúde, o Sr. Manuel Bento Pereira e a Sr.ª Teresa da Costa e Silva, para quem imploramos de Deus rápidas melhoras.

O TEMPO — Mantem-se a instabilidade do tempo, motivo porque os nossos lavradores assistem amargamente ao apodrecimento dos milhos da última colheita. Continuemos a pedir a Deus se compadeça de nós, dando-nos o tão necessário bom tempo.

PONTE DO LOURO — Dada a lentidão verificada nas obras da construção da nova ponte em epígrafe, não é fácil saber-se quando a mesma estará concluída.

Limitamo-nos a lembrar a quem de direito o prazo estabelecido para a construção daquela utilíssima obra, a ruína que ameaça o pavimento do desvio de Nine e os demais inconvenientes do mesmo derivados.

VISITANTES — Os Senhores Dr. Aparício da Costa Dias, distinto médico, e Domingos Fernandes Campelo, digno sócio da firma local Joaquim Miranda Campelo & Filhos, Ld.ª deram-nos, mais uma vez, a honra da sua sempre visita. Muito gratos.

DIZ-SE — ...Que algo parece saber-se sobre a identidade dos autores de vários roubos praticados nesta freguesia, conforme dissemos em nossa recente correspondência!

Será verdade?...

BAPTIZADO — Recebeu, hoje, as águas lustrais do baptismo, ficando com o nome de Carlos Alberto, um filhinho do correspondente deste Jornal nesta localidade e de sua esposa, Sr.ª Maria Gonçalves da Costa Esteves.

Foram padrinhos o Sr. Serafim Francisco Cardoso, activo funcionário da firma local, Joaquim Miranda Campelo & Filhos, Ld.ª e sua esposa Snr.ª D. Maria Augusta de Campos Cardoso.

C.

Fundação Calouste Gulbenkian

Do Conselho de Administração da Fundação Calouste Gulbenkian, recebemos o Relatório e Parecer da Comissão Revisora de Contas, referente ao ano de 1959.

É desnecessário enaltecer os grandes benefícios, já distribuídos, por tão benemérita Fundação, para a caridade, a arte, a educação e a ciência porque não há nenhum português que os desconheça.

Segundo o Relatório referente à gerência de 1959 o terceiro relatório e parecer da Comissão de 18 de Julho de 1956 a 31 de Dezembro de 1959, o Conselho de Administração autorizou subsídios e dotações num total de 403.518 contos. E nenhum subsídio foi concedido e nenhuma dotação foi estabelecida sem prévio estudo e informação fundamentados pelos respectivos Serviços da Fundação.

— Felicitamos o Conselho da Administração da Fundação Calouste Gulbenkian pela maneira prudente e brilhante como tem dirigido tão importante e benemérita Fundação e agradecemos os seus cumprimentos.

SONHOS

Se na NOITE DE ANO NOVO quiser apreciar esta especialidade, encomende-os com tempo à

Pastelaria Arantes — Telef. 82366

REDIGIR

(Continuação da página 8)

saber redigir razoàvelmente, sem ofender a lógica nem a gramática.

Mesmo na oratória, aparecem oradores eloquentes e eruditos, que muito agradam a seus auditórios, quer em discursos profanos, quer nos sagrados; mas, se lhes virmos a obra escrita, muitas vezes notamos nela infracções às boas regras gramaticais, às vezes até *aleijões* ou *mostrengos*: os tais períodos sem predicado, ou sem oração principal, porém com várias subordinadas, coisa lastimosa em fim.

Mas não se lastime o Prezado Colega, porque nós podíamos citar-lhe catedráticos universitários, académicos da Academia das Ciências, escritores *afamados*, etc., etc., se não fosse indigno faltar à caridade com pessoas.

Já os Romanos diziam: *Solatio est miseris socios habere poenantes*, é consolação ter companheiros na desgraça.» (Triste e inútil consolação essa! Dizemos nós).

Não se desconsole pois o Sr. Dr. Azevedo Pinto, porque muita gente boa, e até com fama de literata, desliza muitas vezes. E não deve isso fazer desistir de escrever. Nem os bons artistas da palavra se fazem dum jacto; levaram muitos anos, para se aperfeiçoarem.

Essa de Queirós (o próprio Essa de Queirós!), segundo **O Século** de 1905 (ou princípios de 1906 (já lá vão 54 anos), trazia um artigo com amostras dos rascunhos do célebre romancista e contista, em que reproduzia muitos cortes e emendas — vários trechos inutilizados com traços a X ou diagonais, por onde se viam os tratos de polé que ele deu à prosa, *para lhe aperfeiçoar o estilo!* Lemos *aquilo* (íamos a passar da antiga Rua Formosa — hoje Rua do Século — para debaixo do Arco a Jesus — hoje Rua da Academia das Ciências), e nunca mais, nas suas linhas gerais, nos esquecemos daquelas emendas, sobre emendas, cortes e substituições. (Só não sabemos hoje quem foi o autor de tal artigo, que se deu ao trabalho da crítica do homem da *sensibilidade estilística*).

Manuel Monteiro de Carvalho

MÉDICO

Consultório: Campo 5 de Outubro, 14

Consultas das 15 às 18 horas

Telefones { Consultório 82325 / Residência 82609

BARCELOS

Notícias de Fragoso

(ATRASADAS NA REDACÇÃO)

De entre vários problemas locais que exigem rápida e prestimosa colaboração das entidades oficiais e povo desta freguesia, sobressai sem dúvida alguma, a reparação da residência paroquial, que se encontra em péssimo estado.

É vergonhoso para a nossa terra possuírmos uma residência paroquial em tais condições. Assim não se encontra nestas redondezas. Será mentira? Infelismente não é. Estaremos nós condenados a marchar sempre na rectaguarda em relação a outras terras de recursos manifestamente inferiores aos nossos? Não. Não estamos. O que falta, o que talvez sempre faltou, é o espírito de iniciativa, o desassombrado interesse pela sua terra — em suma, um caloroso amor bairrista. Esperamos que com o raiar do Novo Ano, que se aproxima, alguém se proponha tocar no pistão, despertando a população do seu sono profundo para que se intensifique a campanha em prol da urgente reparação da residência paroquial que não é património exclusivamente do pároco mas sim de toda a freguesia.

Nestes poucos dias que nos restam de 1960 pensemos neste problema. Mas a sério.

— Como estámos chegados à linda e sentimental quadra festiva do Natal, é com a maior satisfação que endereço a todo o corpo Redactorial do *Jornal de Barcelos* e de um modo muito especial aos seus muito Digníssimos Director e Editor Revs. P.es Rochas, sinceros e cordeais cumprimentos e felizes Festas de Natal. Muito Boas Festas, pois.

— Está a decorrer, conforme noticiámos, na Igreja Paroquial, a Novena ao Menino-Deus, sendo acompanhada a harmónio, cuja música é executada pelo nosso ilustre conterrâneo Snr. Manuel de Sá Elias. Antes, este Snr. desloca-se a Aldreu, onde procede a igual trabalho. Estes actos aqui na nossa Igreja têm início pelas 6 horas.

— Durante a semana finda registou-se bom tempo. Já há muito que não tínhamos o prazer de gozar assim uns dias de sol tão risonho. Hoje, o dia volta a apresentar-se de aspecto triste e frio.

Não há que estranhar. É próprio da quadra que vivemos.

Entretanto os trabalhos da época continuam atrazados e os «Bordaleças» não se mostram lá muito optimistas.

Estes, porém, pouco sabem destas coisas. Deus lá está.

— Encontra-se gravemente enferma a Snr.ª D. Isaura Martins Montes, residente no lugar do Reiro, desta freguesia. — C.

NOTA DA QUINZENA

NATAL

JÁ vão decorridos perto de dois mil anos...

Em Belém, numa gruta escura e fria apareceu de repente o Menino Jesus.

Era a luz que despontava no meio das trevas e vinha alumiar todo o homem, como diria depois o evangelista S. João.

E à volta dessa luz — que era Cristo Senhor Nosso — começou a construir-se a história cristã — uma era inteiramente nova.

Vieram os anjos — e cantaram: Paz na terra aos homens de boa vontade...

Vieram os pastores — e, prostrando-se em terra, adoraram o Rei do Universo...

Veio uma estrela — e traçou um caminho largo de luz...

Vieram os Magos — e ofereceram preciosos presentes...

Vieram os pobres — e deram do pouco que tinham...

...Todos vieram à procura de Jesus...

Todos o encontraram, o adoraram e lhe deram seus presentes...

Jesus premiou-os com um sorriso cheio de ternura...

*

Decorreram quase dois mil anos...
De novo celebramos o Natal e nova luz brilha para nós...
Reluz uma claridade suave, terna e acariciadora...
Queremos que Jesus sorria às nossas almas?

Aproximemo-nos do presépio e façamos-Lhe a oferta dos afectos do nosso coração, dos pensamentos da nossa inteligência, o sorriso dos nossos lábios, as acções das nossas mãos, os passos dos nossos pés — toda a nossa vida.

Vila Seca, 26

Pedacinhos de Doutrina — III

Deus tem o seu plano sobre cada criança que vem ao mundo. Espera dela realizações precisas, num lugar preciso.

Trabalha sem descanso para que este plano seja realizado.

Educar é, portanto, colaborar com Deus, o primeiro educador, sempre em acção.

Educar é procurar descobrir o seu plano sobre cada criança e ajudar esta a realizá-lo.

Educar alguém é, finalmente, auxiliá-lo a ser fiel à sua «vocação» pessoal, tornando-o o estilo do homem e do cristão que Deus previu para ele.

É dar-lhe a maior alegria, que é fazer dele instrumento de felicidade para os outros e glória para Deus.

Natal — Vinda do Senhor — Costuma ser sempre cheia de ternura a novena preparatória da festa que comemora a vinda do Senhor ao mundo. Este ano, porém, devido à inovação nela introduzida, revestiu-se de beleza especial. As estrofes, cantadas do coro por duas crianças, a que o povo respondia em conjunto animado, faziam recordar o estribilho que os profetas de Israel cantavam nas Colinas de Belém: «Abri-vos ó Céus e dai-nos o Salvador»!

As práticas desses dias de expectativa dispunham as almas para a vinda do Redentor.

As preces, os cânticos, as flores e luzes do altar improvisado, aliás com muito gosto, — tudo criava uma atmosfera de *desejo*.

Desejo que, afinal, foi satisfeito, pois que o Natal chegou com todo o seu esplendor, com toda a sua mística e encanto. E, correspondendo ao apelo do rev. Pároco, para que as palavras do evangelho «*Não havia lugar para eles*» não tivessem aplicação na nossa gente, todos os dias, o confessionário estava rodeado de fiéis que assim se prepararam espiritualmente para Jesus renascer, mais uma vez, nos corações. E ontem, Jesus encontrou centenas de almas transformadas em berços de amor para O receberem. E só assim se compreende o Natal: afastando das almas as sombras da culpa. Com a chegada de Jesus Cristo, todas as trevas se dissiparam e começou uma nova aurora: a Redenção do mundo.

Natal dos pobrezinhos — Tem ido um tempo bastante mau, sobretudo para os pobrezinhos. Quando não é chuva, é frio agreste.

Felizmente, como em anos anteriores, ilustres filhos desta terra que nunca se esquecem, mesmo vivendo longe, no Brasil, pensaram nas camas dos mal enroupados; nas criancinhas que tiritam de frio, de pèsinhos nus sobre as lamas dos nossos caminhos; pensaram nos desafortunados da sorte que esperam a toda a hora uma esmola para minorar o seu sofrimento; pensaram nos seus irmãos e mandaram um pouco do seu muito dinheiro para que todos tivessem a alegria, o calor e o conforto do Natal. Bem hajam e que o seu belo exemplo seja imitado por muitos mais que também podem.

Festa das criadas — Mais uma vez, por iniciativa da J. A. C. F., o domingo de ontem foi o dia da festa das criadas.

Festa simples, sem dúvida, mas encantadora.

O nosso magnífico Salão Paroquial estava cheiinho de gente que retirou, no final, plenamente satisfeita. E tão satisfeita que pede a sua repetição, o que se fará já no domingo próximo.

Abriu-se o palco e os actuantes no espectáculo entoaram o hino da Acção Católica, abrindo a sessão, logo em seguida, a D. Palmira Casanova que, diga-se desde já, foi a alma de todo este êxito.

Depois do cântico «Se estás contente» e da canção «Caravelas», seguiram-se os monólogos «Pombinha» e «Tónio do Foguete». Depois, mais um monólogo, mas este cantado e com coro.

Antes da canção interessantíssima «Três pintaínhos», ouvimos encantados o monólogo «Era uma vez». Depois do diálogo «Joaninha», houve três monólogos «Moisés», «Sem graça» e «Sou gentil». A dança «Cantarinhos» foi muito aplaudida, bem como os monólogos «pato» e «Chorão».

Começou, depois, a comédia «Cabeças no ar» que parecia representada por artistas já habituados ao palco.

O ambiente era silencioso e isto diz do interesse com que a assistência acompanhava o desenrolar da peça.

A dança «Romeiros da Agonia» foi tão bem interpretada que a assistência pediu «bis». Finalmente, para terminar o rev. Pároco subiu ao palco para exortar a juventude a ser fiel à sua vocação cristã, prevenindo-a dos graves perigos que encontram no mundo esquecido de Deus. E tudo terminou com o hino do Salão que toda a assistência acompanhou com entusiasmo e vibração. Parabéns raparigas e... «bis»... «bis» já para domingo.

Visitas — No último sábado, tivemos a agradável visita do nosso amigo Dr. Francisco Faria, Assistente de Direito e Regente da Cadeira de História da Música na Universidade de Coimbra, que vinha acompanhado de sua esposa, D. Maria Luísa Toscano, do reverendo Padre Augusto de Araújo Alves, venerando pároco de Seide-Famalicão, e do Snr. Joaquim Alves, presidente da Junta daquela mesma freguesia.

C.

À luz da eternidade

Em Gilmonde, no dia 24 deste mês, faleceu, com 75 anos de idade, Margarida Miranda.

Paz à sua alma.

Gilmonde, 26

Necessidades da freguesia — Muito se tem feito nesta terra, por iniciativa do nosso Pároco, em melhoramentos na igreja. Até se construíu um mágnífico salão paroquial. A Junta de freguesia, no entanto, nada de novo tem conseguido.

O pogresso ainda cá não chegou.

Nem caminhos, nem fontenários, nem energia eléctrica, nem nada. Incúria da autarquia local? Falta de dinamismo? Não. Falta de dinheiro. Pois se nem o imposto de trabalho — uns milhares de escudos, em cada ano — lhe é atribuído...

A este propósito, escreveu Pinto Coelho, em «Novidades»:

«Os grandes despêndios que se fazem nas cidades, nomeadamente em embelezamentos, e mesmo com fins de utilidade, devem em grande parte ser aplicados nos campos.»

É preciso ter bem presente que Portugal não é constituído só pelas cidades e sobretudo pelas duas grandes cidades de Lisboa e Porto.

Estamos convencidos de que outro galo cantaria, se o código Administrativo fosse modificado no sentido que precuniza o assinante 1.464 de «O Debate», no número 492:

«Julgo indispensável uma Reforma Fiscal que permita às Freguesias a arrecadação integral dos seus rendimentos próprios, destinados a fazer face às suas necessidades privativas (ruas, caminhos, etc., etc.), contribuindo, apenas, com uma percentagem, fixada por Lei, para as receitas da Câmara».

Sagrado nó — No dia 17, na ermida de Nossa Senhora da Franqueira, consorciaram-se os nossos conterrâneos José Rodrigues Torres, filho de Joaquim Gomes Torres, já falecido, e de Ana Rodrigues de Miranda, e Margarida Carvalho Casanova, filha de Romão Gomes Alves Casanova e de Beatriz Lopes de Carvalho.

Presidiu ao enlace matrimonial o Rev. Leonardo de Oliveira Faria, pároco de Alvelos.

Os noivos, a quem desejamos as maiores venturas, fixaram aqui a sua residência.

No seio de Deus — Faleceu, vítima de pneumonia, Belmiro Martins da Costa, de seis anos de idade, filho de Adelino Gomes da Costa e de Rosa Gonçalves Martins.

Presépio — Montado pelos irmãos Britos, tem sido muito apreciado o presépio da nossa igreja paroquial. Tem sido o encanto da petizada que não se cansa de apreciar os variados movimentos das suas figuras e mecanismos.

Parabéns aos construtores!

Na fonte baptismal — Foram purificados pelas águas da regeneração, a 11, Virgílio, filho de Domingos Peixoto Gomes e de Palmira de Jesus Martins; a 25, Manuel, filho de Virgílio Dias Miranda e de Maria Guilhermina Gomes Rodrigues.

C.

POR ESSE FORA

1 * *Foi morto, no Escalda, a tiros de carabina, um delfim de três metros e meio de comprimento e quinhentos quilos de peso.*

2 * *Caiu um avião das Forças Aéreas da Argentina e morreram 30 pessoas.*

3 * *Tempestades de rara violência, nos Estados Unidos, causaram já mortos.*

4 * *Na Inglaterra, uma criança de 18 meses fez oito traços num boletim de prognósticos de futebol e ganhou 3.463 contos.*

5 * *Foram imponentes as cerimónias do casamento do rei Balduino da Bélgica com Fabiola de Mora Y Aragon, que se realizou no dia 15.*

6 * *A equipa militar de futebol do nosso país venceu, em Asch Sur Alzette, a sua congénere do Luxemburgo por duas bolas a zero.*

7 * *Dois aviões colidiram sobre Nova Yorque e despenharam-se em chamas, havendo 132 mortos.*

8 * *Um bimotor americano caiu, em Munique, sobre um carro eléctrico, matando 70 pessoas.*

9 * *Na América, os cirurgiões dum asilo de alienados extraíram do estômago dum doente 26 chaves, 39 limas de unhas, 3 rosários, 16 medalhas, uma pulseira, um colar, 3 correntes, uma chave de abrir latas de conserva, uma lâmina de faca, 4 tesourinhas, 3 pinças, 88 moedas e um pedaço de metal.*

10 * *Um grande incêndio destruiu um porta-aviões americano que custara mais de 10 milhões de contos, havendo 48 mortos.*

11 * *Em desafio de beneficência, realizado em Madrid, a equipa portuguesa de hoquei em patins venceu a espanhola por 7 a 3.*

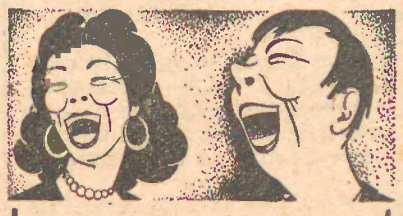
12 * *Morreram 20 tripulantes dum cargueiro espanhol que encalhou e se despedaçou na costa norte da nação vizinha.*

13 * *A «taluda» do Natal foi vendida para Luanda.*

14 * *Está instalado ao pé do Bosque de Bolonha o maior presépio do mundo — um presépio vivo em que 60 personagens, 5 cavalos, 2 dromedários, 3 elefantes, 2 burros, etc., animam uma sequência de imagens do nascimento de Jesus em Belém.*

15 * *O último discurso de Salazar foi transcrito nos Anais da Assembleia Legislativa do Estado da Guanabara.*

16 * *Um antigo director geral da Radiodifusão Italiana, Felisberto Guala, entrou como noviço num convento de trapistas.*



MOMENTOS DE BOM HUMOR

Os alunos de um Professor muito míope levaram, um dia, um burro para a aula.

O Professor, que divisava diante de si apenas uma sombra, perguntou delicadamente: Que faz o senhor aí de pé? Tenha a bondade de sentar-se entre os seus companheiros...

*

— V. Ex.ª pode dar-me um cigarro?

— Sim sr., aqui tem. (O sujeito fuma e, ao atirar a ponta, volta-se de novo, para o cavalheiro):

— V. Ex.ª tem mais?

— Não: tenho menos.

Redacção e Administração:
Tipografia «Vitória»
TELEFONES 82451 e 82428

Jornal de Barcelos

Composto e Impresso:
Tipografia «Vitória»
BARCELOS — Tel. 82428

As Louças de Barcelos

Os moldes cerâmicos e a origem das nossas louças ancestrais

O trabalho em moldes, neste nosso centro industrial, não é tão recente como alguma gente supõe. O seu início perde-se nas brumas do tempo — os mais velhos já o aprenderam com os seus progenitores — tal, como o da roda do oleiro, por exemplo.

Em Espanha, há notícias do trabalho em moldes desde os alvores da Idade Média, já em reproduções decorativas. Mas em Portugal as primeiras notícias que possuo de trabalhos em molde são a partir do século XVII nas fábricas do Porto. Mas cremos que seja muito mais antigo. Usava-se então para as louças que não podiam ser fabricadas na roda do oleiro: as louças que não eram cilíndricas ou de revolução e para fazer adornos, asas e bicos para aplicação nas louças de roda.

A. L. de Carvalho em «Os Mesteres de Guimarães», IV volume, diz-nos: «Na ordem inicial do trabalho, as primeiras peças de olaria seriam fabricadas à mão ou em fôrmas, estas, no dizer de arqueólogos, tecidas em juncos mais ou menos finos. Depois, foi o advento da roda, rudimentaríssima, rente ao chão. Sobre ela curvava-se o artífice. Ainda hoje há oleiros serranos que se curvam para trabalhar sobre esta roda primitiva. Mais um passo, e a roda, sem haver perdido o nome, dá ao oleiro—o torno.»

Para melhor compreendermos a evolução do molde na cerâmica vamos reportar-nos um pouco à história da cerâmica espanhola: diz-nos Manuel Gonzalez Marti, no seu trabalho «CERÁMICA ESPAÑOLA», *capítulo III, ao falar-nos das CERAMICAS DE ACO, SAGUNTINA y VIDRIADA:* — «La técnica seguida para obtener las primeiras imitaciones de los vasos e copas metálicas, consistia em lo seguiente: una vez torneada y seca la pieza de barro ordinário, antes de ser introducida en el horno se decoraba exteriormente con motivos em relieve obtenidos según el procedimiento llamado de la barbotina.

Consiste esta práctica cerámica en la utilizacion del sedimento arcilloso que vá quedando como poso en el agua de la jofaina, en la que el alfarero lava sus manos y útiles de trabajo.

Esta arcilla finíssima, muy plástica y sin ninguna impureza, recibe en árabe-valenciano el nombre de llamosa; en fráncis el de barbotine, y en español, por autonomasia, el de barbotina.

Tomando com una espátula una porcion de esta arcila, se iba colocando sobre la superfície de la vasija, formando pirámides en filas alternadas como las escamas de una piña. Otras veces una alcuza llena de barbotina iba dejando caer sobre la superfície de la vasija un largo fídeo, que la mano hábil, con sus movimientos, convertia en circunferências, lazos, rizos, etc.

Algunas veces, como gran lujo, se las revestia, después de cocidas, duna finísima lámina de oro o de plata.

Tales piezas cerámicas son escasas y han sido bautizadas com el nombre de ACO, porque los primeiros ejemplares hallados en Ornavaso (Itália) llevan el nombre del taller ACO en uno de sus bordes. En el Museo de Faenza hemos visto fragmentos de cerámica egípsia decorada a golpes de espátula, también a la barbotina, y barnizados de verde irisado.

Fueram imitadas en todos los domínios romanos: Oriente, Galias, España... y nuestro Museo Arquiolójico Nacional conserva algunas vasijas de este carácter halladas en Carmona, Bolonia (Almeria) e Ibiza.

.....

La producion de estas piezas era constosísima, y entonces se idea la fabricacion de pequeños moldes, en los que se graban diversos elementos decorativos: swásticas, meandros, hojas, pájaros, canejos, florones, que son pegados a la superfície exterior de las vasijas con barbotina, y una vez retocados más o menos cuidadosamente, quedaban listos, en disposicion de ser cocidos.

Por último, para industrializar más el procedimiento, se fabrican dos moldes de yeso con dos las mitades de una vasija, con todos los adornos que tiene labrados en ella.

Colocado el barro tierno en el molde de cada una de la dos metades, se juntában éstos, quedando pegada la pasta; por la deshidratacion posterior, la pasta se iba contrayendo y, por lo tanto, se desprendia de los moldes, quedando la vasija en disposicion de ser cocida.

Una espécie primorosa de estos vasos es la que forman los fabricados con un barro rojo extremamente compacto, fino e duro, casi siempre recubierto duna delgada capa brillante y ornamientados igualmente con figuras en relieve. Son los conecidos in España con el nombre de BARROS SAGUNTINOS, por haber renacido su estudio con los trabajos del conde de Lumiares, que examinó y clasificó los de SAGUNTO a fines del siglo XVIII.

Estas cerámicas saguntinas traen su origen de las de Arezzo, en donde comieza su fabricasión en el siglo II a. de J. C., por lo que sus ejemplares reciben la denominación de *vasos aretinos*, como igualmente sus imitaciones europeas, cuyo florecimiento dura todavia dos siglos.

Recientemente algunos historiadores han propuesto nuevas denominaciones para esos vasos saguntinos: el alemán Húbner los apellida tarraconenses, y el francés Broumart y el español Cazurro los llaman *TERRA SIGILATA*.

(Continua) **M.**

Presépios

Nas Igrejas Matriz, Senhor da Cruz, Santo António, Misericórdia e Recolhimento, encontram-se em exposição, monumentais e artísticos presépios.

Numa manifestação de bom gosto, e de muito louvor, muitos comerciantes da nossa terra, engalanaram as montras dos seus estabelecimentos comerciais com lindos e interessantes presépios.

Lição

No tremendo e cínico alarido,
Daqueles que perderam o sentido,
Capaz de congregar boa vontade,
Acumulam-se as raivas furiosas,
Das camarilhas torpes, criminosas,
Dos funestos amigos da Maldade!

De que servem as vozes agoirentas,
Se dobramos o Cabo das Tormentas,
E Portugal, num rasgo abençoado,
Alargou as fronteiras europeias,
Espalhando coragem às mãos cheias,
Como fulcro potente do Passado?

Foi a luz que verteu — facho
[profundo —
Centelhas imortais, vencendo
[o Mundo,
A muralha brutal do Paganismo,
Erguendo a Cruz de Cristo
[na Distância,
Numa prova infinita de constância,
Incapaz de aceitar o Derrotismo.

Percebendo a mentira das paixões,
De mórbidos propósitos, convulsões
Que provocam sinistro aviltamento,
A Pátria de Camões, num gesto forte,
Arrosta, sem temor, a própria Morte,
Mas não sabe trair um juramento.

Qnem tentará negar tanta virtude,
Os rasgos imortais, que a juventude,
Herdeira de tão nobre valentia,
Procurará seguir ousadamente?
Podem uivar chacais sinistramente,
Aqui, nunca chegou a cobardia!

Os vultos de Epopeia, despertando
Dos gélidos sepulcros, regressando
À presença dos vivos, ditarão,
A solene certeza desejada:
«Que permaneça livre, unificada,
Esta nobre e justíssima Nação!»

Nas remotas províncias afastadas,
E que são, por nós todos, adoradas,
Sem que se esboce um traço
[de racismo,
Os naturais, à sombra de bandeira,
Afirmam, ser imensa, verdadeira,
A sua fé, no seu portuguesismo.

Portugal, como sempre, triunfante,
Sendo pequeno, torna-se gigante,
Tanto na terra, como sobre o mar,
Novos sulcos traçando com firmeza,
Na sementeira, rica de beleza,
Que nasceu da Lição de Salazar!

Arnaldo de Azevedo Pinto

Dezembro de 1960

Boas Festas para o Jornal de Barcelos

Centenas de pessoas, numa inesquecível manifestação de simpatia, enviaram ao *Jornal de Barcelos*, ao seu Director e a quantos trabalham nesta trincheira, por ocasião do Natal, cartões e mensagens de Boas Festas.

A todos o nosso mais vivo reconhecimento e o desejo de um Ano Novo muito feliz.

No próximo número publicaremos os nomes dos nossos simpáticos amigos que nos enviaram saudações.

Há necessidade de se espalhar em profusão bons livros

Pelo PADRE FRANCISCO CASTILHO

RECORDA-ME de ler em tempos que São Francisco de Sales disse: «todo o perigo está na difusão de maus livros, e que o único remédio a aplicar era fundar-se uma tipografia católica de forma às nossas respostas aos adversários se não fizessem esperar, e assim combaterfamos na arena com vantagem respondendo com vantagem aos fautores do erro».

O perigo dos maus livros é na hora presente bem inquietante, pois não faltam ricos, que em suas estantes tenham obras licenciosas, e até sobre a mesa dos menos abastados, não falando em bibliotecas populares, nos quiosques das Estações dos caminhos de ferro. E não ponhamos de parte as Bibliotecas Públicas, pois nestas não deixam de existir também publicações mais ou menos malsãs que são a comida corrente duma grande quantidade de leitores.

Bastará à nossa consciência lastimar este mal? Não.

É preciso combater; e combate-se espalhando-se o mais que nos seja possível bons livros. As Bibliotecas sàdiamente compostas são eficacíssimas para o combate contra as más doutrinas que perturbam os espíritos e corrompem os costumes. Quem dera que em todas as vilas e até concelhos se fundassem bibliotecas paroquiais debaixo da direcção do pároco, e mesmo até de pessoas cultas, mas de sãos princípios cívicos e religiosos, e nessas bibliotecas haver livros sobre história, religião, ciências, literatura, viagens, e mesmos romances, mas essencialmente morais, pois desta forma os leitores juntavam o útil ao agradável.

Haverá alguém que nos diga: como se há-de fundar uma Biblioteca paroquial, não havendo meios para tal? A resposta não será muito difícil, pois é possível que em qualquer Vila, e até aldeia haja criaturas que gostem de se entreterem com os livros em horas vagas, e isto já há anos. Ora essas criaturas podem prescindir de alguns de seus livros que já estejam em descanso, e assim um hoje, outro amanhã, outro daqui a um mês dão esses livros para a Biblioteca, e assim em lugar de serem inúteis, e muitas vezes vendidos ao desbarato ou até a peso tornavam-se novamente úteis e prestáveis. E assim reunidos pouco a pouco estes livros proceder-se-á à sua discriminação, aproveitando-se o útil e destruindo-se o desagradável, e depois assim se vai compondo as estantes da Biblioteca paroquial. Mas podemos ainda alargar mais as nossas vistas recorrendo aos proprietários das livrarias, pois julgo que eles não deixariam também de mimosear tais Bibliotecas com alguns livros. De onde se não espera é que se alcança.

Desta forma teríamos uma obra de fácil construção e relativamente pouco dispendiosa.

(Continua)

REDIGIR

21

Por *Zé do Vale do Neiva*

OBJECTANDO à N. da R., aposta à carta do Sr. Dr. Azevedo Pinto, repetimos conscientemente que *estamos com toda a autoridade para* rejeitar os defeitos resultantes do *abuso das vírgulas*, na composição do texto que foi aqui publicado. Mas também continuamos a pensar que é bom continuar o Sr. Dr. Azevedo Pinto com sua colaboração. E só *pedimos* ao Prezado Colega que, *estando provado que nós é que temos razão e autoridade para emendar o que saiu mal*, se digne fazer um pequenino esforço para aperfeiçoar seus escritos, *a bem da Mocidade* que por ventura leia as composições literárias de S. Ex.ª o Professor.

Não seria difícil atender nosso *pedido*, pois o original, segundo o **Jornal de Barcelos** de 2 e 9 de Junho último, foi redigido no «Outono de 1959», e passaram-se portanto *cinco para seis meses*, antes de ser publicado. Vê-se que tinha havido tempo de sobra para retocar os rascunhos literários (que não devem assuntos literários publicarem-se, antes de retoques na primeira redacção, e tratava-se dum conto).

Nós entregámos nosso **Redigir — 18**, no dia 14 de Junho, e no dia 30 já viu a publicidade. Mas não temos nada que emendar, porque saíu dentro das normas de redigir gramaticalmente.

Também devemos declarar que *vimos, no outro jornal*, as referências do Prezado Colega a uns fartos aplausos de seu professor formado pela Sorbona, quando lhe mostrou os primeiros ensaios literários; e, em Julho último, veio *aqui* a confirmação dos encómios que recebera, e cremos piamente que os recebeu. Só temos que observar, por nossa parte, que o tal professor formado pela Sorbona certamente *não fez caso da pontuação* (e é duvidoso *se a saberia usar em Português*, pois no Francês as coisas regulam-se diferentemente. «Cada terra com seu uso, e cada roca com seu fuso»). Mas, se esses primeiros ensaios não tinham respeitado as regras da pontuação da Gramática Portuguesa, como as não teem respeitado os últimos, então conclui-se que... não mereciam elogios. Porém não basta a imaginação inventiva, para fazer literatura de ficção; é indispensável também saber traduzir no papel o que se imaginou e criou; *é indispensável*

(Continua na página 6)